



Carolina Mancini



NIHIL

Carolina Mancini

Autor: Carolina Mancini

Revisão: Letícia Godoy

Capa e projeto gráfico: Carolina Mancini

Ilustrações internas: Carolina Mancini

Editora Responsável: Carolina Mancini

“Dá para se colocar terror e poesia numa mesma frase? Numa mesma narrativa? O que parece impossível para muitos é a arte com que Carolina Mancini nos brinda em Nihil. Segura e firme, a autora transforma a dor, as escolhas difíceis e as perdas numa poética de terror e desolação, mas também de contínua resistência, de não entrega, de força. Nihil é o nada, é a perdição das gerações que começam esse milênio e que, desafortunadas e em desespero, não conseguem divisar o futuro, nem são capazes de planeja-lo. Uma metáfora pungente e poderosa sobre a humanidade e seu futuro envolto em névoa. Uma obra digna de mestres como King e Rice.”

Nikelen Witter - escritora, historiadora e professora universitária.

A meus pais, que me ensinaram a nunca desistir, e que só existe amor onde existe
respeito e amizade.

Ao meu marido Juliano, que tem me feito viver essa melhor forma de amar.

A Beckett, e Magritte,
por tornarem palpável o absurdo (em todos os sentidos) da vida.

A Augusto dos Anjos,
por enfeitar de razão, tamanha dor de existir.

E a você que lê, agradeço e peço desculpas.

NIHIL I

“Feche a janela, meu querido. Não há nada para ver lá fora. Não há nada para ver.”

Perdi a conta dos disparos.

Perdi a conta das suas lágrimas.

Perdi a conta dos corpos.

“Feche a janela, eu já disse, querido. Feche a janela! Não há nada para ver lá fora.”

As janelas não abrem e o rádio não funciona. Não fazemos mais músicas e os cães não latem já faz alguns meses.

E os ños se repetem como nossa única certeza.

O dia inteiro é só a fumaça cinza nas ruas.

Os dias e as noites estão indefiníveis, e eu os conto pelas voltas do relógio.

A Ana não tem mais mamado do meu leite, e Paulo não brinca e nem ri.

Miguel não consegue desviar sua atenção da nossa palidez.

Ao menos há o ranger de minha cadeira de rodas para nos lembrar de que ainda estamos vivos.

Estar em qualquer outro lugar, seria como estar em qualquer outro lugar.

Quando a fumaça começou e as cinzas vieram com o vento, eu acreditei que Deus estava nos abandonando.

Hoje Paulo disse: “Deus não existe”.

Sinto uma falta enorme de minha Lena e suas risadas escandalosas.

Eu não consigo acreditar que vocês vão voltar. Sei que essas cartas nunca chegarão até vocês. O correio já não deve existir e, de todo modo, sair para descobrir é impossível.

Eu empilho as cartas para passar meu tempo.

Fizeram tantas revoluções, defenderam tantas ideias e para quê? Para quê, se minha pequena não toma meu leite?

Nós estamos morrendo e nosso passatempo é medir a evolução de nossa degeneração.

Devoramos livros para debochar de seus autores.

Eu e Miguel apelidamos Beckett de Nostradamus. Estamos rindo porquê não temos nada melhor para fazer.

Olha só: “Não há nada melhor para fazer”.

Somos disformes.

Também sinto falta de Dolores e Ricardo. Morando mais perto do que minha Lena, eles eram companhias agradáveis.

O pai de Miguel resolveu sair, voltou sem um braço e metade de uma perna.

Agora está em uma bacia. Mas isso também já faz algum tempo.

Você se assustaria com minha magreza e a de todos nós.

Faz diferença?

Não. Nunca. Nada faz diferença.

As lembranças dos dias de sol e noites feitas para admirar a lua, estão tão distantes que mais se parecem com sonhos em vez de memórias.

Mas já chega. Estou ficando cansada.

Escrever não é mais tão divertido.

Nunca foi.

Nunca nada foi.

Não posso mais gastar óleo na cadeira de rodas, então o seu ranger persistirá.

Vou jogar cartas com Miguel.

Esqueci de dizer, provavelmente estas letras estejam tremidas, estamos quase no escuro.

As velas estão no fim, em breve, precisaremos queimar nossas roupas.

Com saudades, Lili.

Obs.: desculpe a frieza, mas o bombardeio lá fora não me deixa mais escrever poesias.

NIHIL II

São apenas cinco metros até a casa de Lili e não consigo ver daqui. Às vezes tenho a impressão de ouvir a sua cadeira de rodas ranger. Mentiras criadas vagarosamente, inflamadas pela vontade de recuperar o passado.

Não ouço os bombardeios há mais ou menos duas semanas, isso é o que me lembro ou imagino. Quase estou acreditando que o relógio tem girado seus ponteiros mais devagar. Caso ele pare, estarei perdida.

Todos os dias, no único instante em que venta, abrimos uma das janelas para trocar o ar. Tememos o lado de fora, mas precisamos desse sopro do vazio. Nesse espaço de tempo, ainda tão curto, nos tornamos reféns do medo. Quase paralisados, respirando apenas, vamos sobrevivendo ou morrendo devagar. Assim que o vento cessa, velozmente fechamos a janela. A neblina não pode entrar.

É difícil acreditar que chegamos até aqui, neste nível de descrença e solidão. Ricardo acha impossível que algum dia tenha sido diferente, como se o passado fosse uma grande brincadeira estúpida. Desde que nosso bebê nasceu morto e seco, ele não fala direito comigo.

Longe de qualquer hospital, dei à luz quando tudo já era fumaça. Também não posso dizer que era uma mulher saudável; as circunstâncias eram nada favoráveis. Por fim, acho que foi bom meu pequeno ter nascido morto. Menos um para sofrer.

Os mantimentos não são suficientes para mim e para Ricardo. Acabou a água encanada e não tomamos mais banho.

Cansei de pedir para que ele saia daquele quarto empestado pela presença do bebê morto. Ricardo sempre quis ter um filho.

Não posso me esquecer de conferir o estoque de velas.

NIHIL III

Inferno! Inferno! Inferno! Está tudo morto. TUDO!

Sinto falta até dos gritos que ouvia dentro da minha cabeça, mas esses malditos também não existem mais. Nos últimos dias — ou meses —, só escuto a tosse do velho: meu avô.

Ainda era jovem, tinha a vida toda pela frente e agora envelheço rápido demais. Quantos anos devo ter? Trinta? Trinta e cinco? Quarenta? Tantos esforços e sacrifícios para quê? Tantas contas pagas atrasadas, tantas horas extras... Dias e dias chegando tarde em casa para ganhar centavos a mais, todo o meu tempo gasto enriquecendo patrões. Tudo para acabar aqui!

Agora só tenho um corpo cansado. Apenas isso.

Penso. A calma nunca foi meu forte, não é? Penso, e volto a pensar nos sonhos que deixei para trás, e como também perdi Juliana.

Hoje sou só essa carcaça poluída pela neblina.

Aos finais de semana jogava bola com uns amigos, depois bebíamos, assávamos uma carne, alguns fumavam um baseado. Agora é como se eles nunca tivessem existido.

Aqui não tem mais nada. É só um inferno maldito de NADA.

E penso. Apenas penso.

Eu não falo mais. Até pouco tempo podia falar com meu avô, mas ele deixou de escutar.

O tempo é tudo que nos resta. E que merda! Ele até sobra...

Também não sei quando Juliana deixou nossa casa. Ela foi em busca de qualquer coisa. Qualquer coisa que a mente dela inventou para tentar acreditar... Em Deus?

Então, também não tenho mais Juliana.

Preferia não ter nada para lembrar.

Às vezes até esqueço que o Everton existiu. Me esqueço de falar dele, de pensar nele, o que eu considero algo bom. Esquecer que já tive um irmão é um peso a menos. Quando ele voltou de lá de fora, havia perdido alguns membros, então nós o enfaixamos e ele não fala mais comigo.

Passei a imaginar que os gritos dentro da minha cabeça eram gritos dele. E talvez fossem. *Talvez.*

Não tenho vontade de mais nada.

Só nos restam poucas conservas.

Já não tenho planos.

Se eu tivesse saído em busca de qualquer coisa, talvez eu não voltasse. Ou voltasse sem alguma parte de mim.

Talvez ela volte?

Mas se Juliana estiver sem pernas, eu teria que ir buscá-la.

Enquanto isso a neblina está entrando em casa. A maldita, a filha-da-puta, a desgraçada da neblina que acabou com qualquer sonho ou plano. Eu devia ter consertado as janelas quando Juliana me pediu. Aí, quem sabe, a neblina não entraria aqui.

Não entraria para piorar a tosse do meu avô.

Para impedir a cicatrização do Everton.

Para me deixar mais velho do que realmente sou.

NIHIL IV

— São dois cigarros.

— Eram três cigarros. Tenho certeza.

— E vamos ficar aqui contando cigarros?

— E respirando fumaça e soprando as cinzas que caem sobre a mesa... Eu tive um sonho Jô.

— Não pode ter tido Iza, não pode.

— Eu sonhei, lembro bem, não podia ser real...

— O que não podia ser real? Está maluca? E você, aliás, não podia ter sonhado.

— Eu sonhei, te digo que sonhei. E o que não pode ser real?

— Qualquer coisa pode ser real, Iza, qualquer coisa. Olhe para nós, o que você vê, parece real?

— Eu entendo o que você diz, mas era diferente...

— Diferente como? Só de olhar para seu rosto enxergo seus ossos. E seus olhos, assim como os meus, já perderam a cor. Não há energia, você entende isso? E nem sei como ainda estamos vivos sem nem ver mais a luz do sol, sem nem saber mais se é dia...

— Ou se é noite. Já ouvi você dizer isso cento e trinta e duas vezes, pois eu contei, anotei todas. E digo que era diferente, por isso foi um sonho.

— Cento e trinta e duas vezes? Você realmente não tem o que fazer, Iza.

— Eu anotei, fiz um risquinho no meu caderno para cada vez que você disse "*nem sei como ainda estamos vivos sem nem ver mais a luz do sol, sem nem saber mais se é dia ou se é noite*". E anotei todas as vezes que você já disse "*Eu acho que devíamos queimar os livros de uma vez e acabar com essa angústia de morrer aos poucos*", foram setenta e três vezes, também anotei quantas vezes você disse que me ama, quantas ameaçou se matar e o número de dias em que ouvimos bombardeios, e o número de dias em que o silêncio nos dominou...

— Sim, Iza, eu entendi, você tem tudo anotado.

— Sim, Jonas, por isso eu disse que eram três cigarros e não dois.

— Ah, eu não me importo, eram dois, e nisso você está errada...

— Não estou.

— Está!

— Mas eu te disse que sonhei.

— Não sonhou, Iza. Não sonhou! Não pode ter sonhado. Deixamos de sonhar depois de nos trancarmos.

— Eu sonhei, e isso pode ser um motivo para ter esperança, não pode?

— Pode. Poderia. Mas não pode, porque você não pode ter sonhado.

— Eu sonhei... Na verdade, Jô, foi um pesadelo.

— Diga de uma vez...

— Eu sonhei, sonhei que nós fazíamos amor.

— Isso é um pesadelo? Que seja! Realmente isso parece bem improvável de ter acontecido, mas ainda não acredito que você sonhou, deve estar inventando.

— Não estou, presta atenção, me deixa continuar. Depois que nós fizemos amor, você foi para o banheiro e se matou. Se matou e eu só vi depois. Viu só?

— Vi o quê?

— Como é impossível. Primeiro porque é impossível que nós façamos amor, e segundo que é mais impossível ainda que você um dia cumpra suas promessas de suicídio e me deixe sozinha.

— Por que você acha impossível que eu lhe deixe sozinha?

— Porque você me ama, Jonas, só por esse motivo.

— Entendo. Mas ainda acho que você está inventando que sonhou. Você bebeu ontem?

— Bebi, e o que importa?

— Importa que você pode ter imaginado, talvez porque queira muito fazer amor, e porque queira muito que eu me mate.

— Ora, não fale besteira, Jonas. Eu não quero que você se mate... veja só...

— Mas você queria fazer amor comigo, Iza?

— Queria, queria sim, antes do meu sonho eu queria mais, agora nem tanto...

— Talvez você tenha medo que eu me mate depois...

— É, pode ser isso sim.

— Mas você bebeu muito ontem?

— Bebi, já disse que bebi. Meia garrafa.

— Meia garrafa?

— Meia garrafa de vodca três vezes.

— E por que você bebeu?

— Porque queria fazer amor com você...

— ... Entendo...

...

— Iza?

— Diga...

— Por que nós não fazemos amor?

— Porque você não pode, Jonas, não lembra? Você se envenenou com a fumaça e a água do rio naquela vez e, desde então, você não pode mais fazer amor...

— É mesmo... Mas, Iza, ainda duvido que você tenha sonhado.

— Ah, claro! Como se conhecêssemos alguém. Como se soubéssemos de outros e o que eles fazem e se sonham ou não. Mas tudo bem, você não quer acreditar em mim, tudo bem. Vou ficar sozinha com a minha esperança.

— Quer que eu lhe acenda outro cigarro?

— Quero. Você não quer?

— Não agora, gosto de respirar a sua fumaça pra esquecer a fumaça lá de fora, é uma forma de você me pertencer.

— Então acenda logo meu cigarro, Jonas.

— Aqui está.

— Sabe, Jonas, eu sempre gostei dessa fumaça.

— É, eu sei.

— É, você sempre sabe.

— Isso mesmo. Eu sempre sei! Iza, você viu o Paulo ontem?

— Não vi, dormi logo e sonhei com você.

— Estranho...

— É, estranho...

— Vou ao banheiro.

— Ok.

...

— Iza, venha ver.

— O que houve, querido?

— O Paulo se matou no banheiro.

- Se matou...?
- É... Iza, você bebeu meia garrafa ontem?
- Sim, bebi meia garrafa de vodca... três vezes.
- Três vezes... E você não tem mais tanta vontade de fazer amor comigo.
- É... não tenho.
- É... não tem. Nós fizemos amor no escuro, Iza?
- No meu sonho fizemos.
- Sabe, Iza, eu disse que você não poderia ter sonhado.
- É mesmo, Jô. Parece que não... que não sonhei...
- Melhor eu me sentar aí, à mesa, com você de novo.
- É... é melhor... E o que vamos fazer?
- Não vamos fazer nada, Iza, não vamos fazer nada. Eu vou ficar aqui olhando para a sua palidez e para os seus ossos e você vai ficar aí, olhando para mim. É só isso.
- É só isso mesmo, ao que parece...
- Agora, você vai se convencer de que havia dois cigarros?
- Não, querido. Eu anoto tudo, havia três.

NIHIL V

Meu doce, me diga: e se o mundo se espremesse tanto, de tal forma, que coubesse dentro de um único cômodo, no que você pensaria? No que acreditaria? E se esse mesmo mundo, antes cheio de pessoas e pensamentos, se resumisse a um pequeno círculo? Imaginou? Me diga. Caso o convívio com os humanos fosse restringido, e não passasse de uma lembrança, você buscaria forças ou explicações? E buscaria onde?

Pois foi isso que aconteceu, Artur. Você acredita? Deve acreditar agora.

Há quem garanta que foi obra de Deus. Eu explico.

Estava escrito nos jornalecos religiosos distribuídos em frente às igrejas o anúncio do fim do mundo — notícia que nunca foi uma novidade. Das ruas, dava para ouvir os homens de Deus fazendo o escarcéu em seus cultos: “O HOMEM PAGARÁ POR SEUS PECADOS. PAGARÁ COM SANGUE!”, e blábláblá. Chegou ao ponto de que nem passar pela calçada era possível sem ser pega pelas velhinhas fofoqueiras da igreja. Gralhas! Um inferno cruzar com elas! *Papagaias* religiosas repetindo que arderíamos no inferno.

Eu lhe contei isso em nossos encontros? Acho que não. A lembrança delas era tão irritante quanto as próprias. Mas deixemos para lá essas *querubins* de saia, pois há também quem afirme que Deus nada tem a ver com isso. Nada. Não é coisa dele. De modo algum.

Pode ser do homem? Vamos avaliar a situação, meu doce. Vi um documentário sobre nanotecnologia uma vez. Você deve se lembrar. Eu te disse. Passou na TV paga. Eles podem fazer qualquer coisa, sabia? Os nano robôs. Sim, tudinho, até se ligar ao nosso cérebro e nos fazer acreditar que existe uma camada de ar cinza e espesso, muito poderoso, corrosivo, do lado de fora. Assim ficaríamos trancados para sempre enquanto algum mandachuva traça um plano diabólico para a humanidade.

Mas... não eu. Eu não acredito em nada disso. O que me parece é que são fantasmas, Artur.

Você está rindo agora? Deveria. Eu estou. Não seja bobo. Não faça essa cara. Eu já sei, você me convenceu, fantasmas não existem.

Sabe, eu acredito no abandono. Nós abandonamos a vida. Eu explico. Calma. Eu explico. Temos bastante tempo, não é? Ou está ansioso para um passeio? Quer sair e admirar a paisagem?

Ah! Desculpe. Estou gar-ga-lhando agora. Admirar a paisagem foi minha melhor piada.

Mas vejamos... Onde estava? Ah sim. O que eu acredito e o que acho que todos acreditam: a culpa é somente do homem, Artur. O homem que poluiu o ar, a água, deixando apenas esse cinza, como a fumaça lá fora. É como se fosse o resto de uma floresta seca e queimada.

Só que, pense comigo, querido. Pense comigo. Do lado de fora, no entanto, nada impede que as árvores cresçam, ou que as flores floresçam, nem mesmo evita que a água corra. Eu sei. É o vigésimo andar, e quando o vento sopra, vejo tudo daqui de cima.

É um alívio meu vizinho ter achado que Deus o protegeria, e que não precisava vedar as janelas. Foi tão divertido ouvi-lo gritar e berrar. Foi o melhor dia depois da neblina.

Mas sabe, querido, eu li muito. Sou muito, muito esperta. E descobri tantas coisa... Outras, claro, imaginei.

Ah! Ah! Ah! Sabe o que criei na mente certa vez? Às vezes acho até que vi mesmo? Acredite, doce Artur, do lado de fora... Está preparado para o grande clímax? Então lá vai... Demônios, bestas e todo um cerco formado por clãs das trevas habitam na espera de algum desesperado que se arrisque, arrancando pedaços de suas carnes, ou a vida, ou as duas coisas.

Eu vejo daqui, quando venta, muito sangue lá embaixo. Fico à espreita de gritos quase todas as horas do dia.

É chato, eu sei. Não me culpe que-ri-do. Mas, do lado de dentro, eu sei. Tenho certeza! Dentro das casas, apartamentos, quem sabe até em cavernas, existem os sobreviventes.

Não sou a única. Não posso ser. Por Deus. Se ouço gritos, não posso mesmo ser a única.

Aqueles que notaram algo estranho no céu, no ar, que viram aquele cinza se aproximando, estocaram alimentos, e também alimentos para suas almas e para seus vícios; estão vivendo. Eu tenho livros. Muitos. Empilhei revistas, jornais, fotos, propagandas. Tenho milhares de coisas para olhar quando enjoa da coisa cinza.

Os sobreviventes só precisam continuar sobrevivendo. Não é óbvio isso? Derrotar a mais perversa praga, o mais insensível tirano: só precisam sobreviver ao tempo.

E a melhor parte dessa grande novela é a escuridão *amarela*. Amarela. Amarelaa. AaAmarelaAaaaa (cante isso que escrevi. Tente querido). A escuridão amarela que ficou do lado de dentro. Parece mentira que isso tenha acontecido. Nunca mais liguei as luzes. Não existe sol lá fora que consiga chegar aqui dentro e, no entanto, enxergo, bem amarelinho, como se eu fosse um retrato velho, malcheiroso, esperando o tempo me devorar.

Que se explodam. Sim. Que se explodam todos eles.

Se existem outros, se alguém tem pena, eu não tenho. As nuvens foram rompidas por bombas. Mas antes, ah! Será que se lembram? Antes, a névoa cinza já existia. Eu a vi. Bem rasteira, nos rodeando, engolindo a nossa sombra. Ninguém me ouviu. Nem as papagaias da bíblia.

Eu te contei, Artur. Eu contei. E você, cretino, aumentou a dosagem da medicação. Azar o seu, querido terapeuta.

Fúlgidos

“Então é por isso que as palavras ditas se turvam, e as escritas se curvam.
E por não aguentar mais ondulações, preferiram mergulhar no nada.”